



Divulgação

Belén



Divulgação

Limpia



Divulgação

Couture



Divulgação

Los Tigres



Divulgação

Mi Amiga Eva

de painel, centrada em mulheres que buscam sua voz na indústria dos desfiles, entre elas uma jovem modelo de Nairóbi.

L'ÉTRANGER, de François Ozon (França): A frase “Eu matei um árabe” caiu como um estrondo nas telas de Donostia, na tradução de intolerâncias seculares, galvanizadas sob o jugo colonial denunciado em 1942 na literatura de Albert Camus (1913-1960), de onde brota esta pérola. É um Ozon no seu estado mais radical, embrulhado (graças à maturidade que três décadas de carreira agora lhe asseguram) numa embalagem de refinamento formal. O belga Manu Dacosse, diretor de fotografia nesta aventura existencialista, tem responsabilidade fulcral



Divulgação

Two Seasons, Two Strangers

no vigor do que se vê. Mérito também para Benjamin Voisin, que vive Meursault, funcionário de um posto comercial que mata um jovem, numa praia, pouco depois de perder a mãe.

MI AMIGA EVA, Cesc Gay (Espanha): Aulão de perseverança dada pelo comediógrafo por trás de sucessos como “Tru-mán” (2015). A atriz Nora Navas atua com fôlego titânico no papel de Eva, que, prestes a completar 50 anos, cansou da rotina. E casada há duas décadas e tem dois filhos adolescentes. Durante uma viagem de negócios a Roma, Eva percebe que quer se apaixonar novamente antes que seja “tarde demais”. De volta a Barcelona, começa uma nova vida, sol-



Divulgação

Sai: Disaster



Divulgação

L'Étranger



Divulgação

Duas Vezes João Liberada



Divulgação

Nuestra Tierra

teira e aberta ao jogo da sedução e do romance. Ao longo de um ano, vamos seguir suas peripécias românticas.

TWO SEASONS, TWO STRANGERS, de Sho Miyake (Japão): Ganhador do Leopardo de Ouro de Locarno, em 2025, esta produção trava um diálogo com as HQs de Yoshiharu Tsuge, um mestre dos mangás. No enredo do longa, o casal Nagisa e Natsuo se encontra à beira-mar. Engatam um esboço de romance trocam palavras constrangedoras e entram no oceano encharcado pela chuva. Essa porção do longa se passa num verão. Já no inverno, Li, uma roteirista, viaja para uma vila coberta de neve. Lá, ela encontra uma pousada administrada

pelo taciturno atendente chamado Benzo. Suas conversas raramente se conectam, mas eles partem em uma aventura sentimental inesperada.

DUAS VEZES JOÃO LIBERADA, de Paula Tomás Marques (Portugal): A partir das vivências de um corpo avesso ao binarismo histórico, inconformado com o dito “determinismo biológico”, este experimento poético festeja o desejo de pessoas que almejam ser as profetas de suas próprias histórias, embora a Inquisição cruze seu caminho.

LOS TIGRES, de Alberto Rodríguez (Espanha): Um filme de ação subaquático, dos mais enervantes, sobre mergulhadores envolvidos com tráfico. Não há pancadarias (à exceção de uma queda de braço), nem tiroteios, mas há perseguições, armas em punho, tensão nas profundezas do mar e a sensação de que Estrella e o irmão Antonio (Bárbara Lennie e Antonio de la Torre) podem morrer a qualquer momento. Essa sensação nasce da montagem de Jose Moyano, que revela uma fluidez pouco comum no grande cinema europeu. A sua edição é surpreendente até para os padrões médios de Hollywood.

SAI: DISASTER, de Hirase Kentaro e Seki Yutaro (Japão): Que inusitado é ver um “filme de monstro” na seção competitiva de um festival classe AA da Europa. Este thriller nasceu como minissérie de TV e foi condensado como filme numa montagem enervante editada por seus diretores. A trama é centrada sob a investigação de quatro mortes suspeitas, que parecem suicídios. O diferencial é que cada uma delas envolve a presença de um ser mefistofélico, vivido por Teruyuki Kagawa, um ator genial que sempre encarna psicopatas em longas nipônicos.

NUESTRA TIERRA, de Lucrecia Martel (Argentina): Rainha do uso do som no cinema, a diretora de “O Pântano” (2001) faz um estudo documental dos bastidores políticos da morte do militante indígena Javier Chocobar, em 2000. O ativista foi assassinado por latifundiários, a tiros, ao lutar contra a remoção de sua comunidade de suas terras ancestrais. Sua execução apareceu em um vídeo no YouTube. Este documentário revela os 500 anos das “razões” (leia-se “preconceitos”) que levaram a esse tiroteio, tanto com uma arma quanto com uma câmera, e o contextualiza no sistema de posse fundiário que surgiu em toda a Pangeia Latina.